

Poesia bucólica



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS RAUL ETULAIN

CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

IARA BELELI – IARA LIS SCHIAVINATTO – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

Coleção Bibliotheca Latina

Comissão Editorial

COORDENADORES

PAULO SÉRGIO DE VASCONCELLOS (UNICAMP) E MATHEUS TREVIZAM (UFMG)

ISABELLA TARDIN CARDOSO – MARCOS MARTINHO DOS SANTOS

PEDRO PAULO ABREU FUNARI – RODRIGO TADEU GONÇALVES

PEDRO CUNHA DE HOLANDA (REPRESENTANTE DO CONSELHO)

Alessandro Rolim de Moura

Poesia bucólica

Virgílio, Calpúrnio Sículo, Nemesiano

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

M865p Moura, Alessandro Rolim de
Poesia bucólica: Virgílio, Calpúrnio Sículo, Nemesiano /
Alessandro Rolim de Moura. – Campinas, SP : Editora da Unicamp,
2022.

(Coleção Bibliotheca Latina)

1. Virgílio, 70 A.C.-19 A.C. 2. Teócrito. 3. Literatura grega.
4. Poesia latina. 5. Filologia clássica. I. Título.

CDD – 880

– 871

– 480

ISBN 978-85-268-1557-5

Copyright © Alessandro Rolim de Moura
Copyright © 2022 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade do autor e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel.: (19) 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Coleção Bibliotheca Latina

A coleção agrega obras que descrevem e comentam os principais gêneros literários da Antiguidade, em Roma. Escritas por especialistas nos gêneros abordados – épica, poesia didática, historiografia, literatura técnico-gramatical, comédia, tragédia etc. –, essas obras oferecem seus traços indispensáveis e dão um panorama dos principais autores que se ocuparam de cada modalidade genérica. Miniantologias de excertos traduzidos e bibliografia comentada complementam cada volume desta Coleção.

Sumário

Abreviaturas e convenções	11
Apresentação	15
Sobre as traduções	35

PARTE I

Formação e teoria do gênero

Capítulo 1 – Teócrito e a poesia bucólica grega	45
Capítulo 2 – Antecedentes longínquos; modelos culturais amplos	53
Capítulo 3 – Modelos mais próximos e contemporâneos	71
Capítulo 4 – Terminologia antiga e moderna: bucólico e pastoral (e outros termos-chave)	87
Capítulo 5 – A linguagem de Teócrito e o estilo da poesia bucólica ...	99
Capítulo 6 – Vozes bucólicas	123
Capítulo 7 – Teócrito: breves comentários a alguns <i>Idílios</i>	133
<i>Idílio</i> 11: uma mitologia i	135

<i>Idílio 1: uma mitologia ii</i>	141
<i>Idílio 7</i>	150
Capítulo 8 – Outras manifestações da poesia bucólica helenística	167

PARTE II
A poesia bucólica latina

Capítulo 9 – As <i>Bucólicas</i> de Virgílio	179
Capítulo 10 – As perdas da terra	217
<i>Bucólica 1</i>	217
<i>Bucólica 9</i>	238
Capítulo 11 – Um Ciclope latino: <i>Bucólica 2</i>	255
Capítulo 12 – Eus bucólicos: <i>Bucólica 8</i>	271
Capítulo 13 – Utopia e divinização	293
<i>Bucólica 4</i>	293
Dáfnis revisitado: <i>Bucólica 5</i>	308
Capítulo 14 – Canto amebeu	343
<i>Bucólica 3</i>	343
<i>Bucólica 7</i>	359
Capítulo 15 – Divindades campestres e um poeta romano	371
<i>Bucólica 6</i>	371
<i>Bucólica 10</i>	391
Capítulo 16 – Arcádia	417
Capítulo 17 – Calpúrnio Sículo	439

Capítulo 18 – Nemesiano	473
Capítulo 19 – Outras manifestações latinas	489
Capítulo 20 – Ecos e conclusões modernas	507
Breve antologia	519
Virgílio, <i>Bucólica</i> 3	521
Calpúrnio Sículo, <i>Écloga</i> 3	528
Nemesiano, <i>Écloga</i> 3, “Pã”	534
Bibliografia comentada	539
Referências bibliográficas	543

Abreviaturas e convenções

BLPL – Bucolicorum Latinorum poetarum lexicon. Ed. E. Di Lorenzo e F. Giordano. Hildesheim/Zürich/New York, Olms-Weidmann, 1996.

DGP – Dicionário grego-português. Coord. D. Malhadas *et al.* Cotia, Ateliê, 2006-2010.

EV – Enciclopedia virgiliana. DELLA CORTE, F. (org.). Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, 1984-1991.

Forcellini – FORCELLINI, E. *et al. Lexicon totius Latinitatis.* 4. ed. (1864-1926) [reimpr.]. Patauii, Gregoriana, 1965.

Gaffiot – GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français.* Paris, Hachette, 1934.

Lewis & Short – LEWIS, C. T. & SHORT, C. *A Latin dictionary.* Oxford, Clarendon Press, 1879.

LSJ – LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, H. S. & MCKENZIE, R. *A Greek-English lexicon.* 9. ed. [com um suplemento revisado]. Oxford, Clarendon Press, 1996.

Montanari – MONTANARI, F. *The Brill dictionary of ancient Greek.* Ed. M. Goh e C. Schroeder; trad. R. Barritt Costa *et al.* Leiden/Boston, Brill, 2015.

OCD – The Oxford classical dictionary. Ed. S. Hornblower e A. Spawforth. 3. ed. Oxford, Oxford University Press, 1996.

OLD – *Oxford Latin dictionary*. Ed. P. G. Glare. Oxford, Clarendon Press, 1968.

PMG – *Poetae melici Graeci*. Ed. D. Page. Oxford, Clarendon Press, 1962.

RE – *Real-Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*. Ed. A. Pauly, G. Wissowa e W. Kroll. Stuttgart/München, J. B. Metzler, 1894-1980.

Saraiva – SARAIVA, F. R. dos S. *Novissimo dicionario latino-portuguez*. 9. ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1927.

Th. – THILO, G. *Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii Bucolica et Georgica commentarii*. Leipzig, Teubner, 1887.

TLL – *Thesaurus linguae Latinae*, 1900-.

W. – WENDEL, C. *Scholia in Theocritum uetera*. Leipzig, Teubner, 1914.

Os nomes de autores e obras antigas, quando abreviados, baseiam-se nas convenções do LSJ (para os textos gregos) e do TLL (para os latinos), com algumas exceções de fácil entendimento. As abreviaturas de títulos de periódicos seguem *L'Année Philologique*. Virgílio é citado de acordo com a edição de Mynors, 1969; Calpúrnio Sículo, de acordo com Keene, 1887; Nemesiano, conforme Volpilhac, 1975; os bucólicos gregos, conforme Gow, 1958. Divergências de monta são assinaladas. As citações dos demais autores gregos e latinos seguem outras edições aceitas nos Estudos Clássicos atuais, como as das coleções Teubneriana, Oxford Classical Texts e Universités de France. Elas só são especificadas quando relevante. Praticamente tudo o que não está em português vem com tradução, excetuando-se alguns poucos passos cujo sentido se deduz do contexto, certas expressões estrangeiras ou

clássicas de uso comum e alguns trechos poéticos citados mais de uma vez (quando sua tradução é dada nas proximidades ou nos capítulos que comentam os poemas principais um a um). Os termos gregos isolados foram em geral escritos no próprio alfabeto grego, mas às vezes transliterados (seguindo os critérios de Prado, 2006). Optamos por essa duplicidade de tratamento, às vezes até mesmo utilizando a mesma palavra nas duas grafias num mesmo capítulo, com o objetivo de familiarizar o leitor com as correspondências em questão.¹

Nota

- 1 Este livro foi concebido no interior do projeto “A poesia bucólica antiga: estudos das obras gregas e romanas, sua recepção e suas relações com outras espécies literárias” e contou com o apoio das seguintes instituições: CNPq, IEL-Unicamp, Depac-UFPR, Celin-UFPR, Institute of Classical Studies-University of London. Agradeço a todas as pessoas que me ajudaram ao longo da pesquisa (foram muitas, e sem elas este trabalho teria sido difícil). Gostaria especialmente de expressar minha gratidão aos alunos e alunas da Graduação e Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná que frequentaram minhas aulas sobre poesia bucólica grega e latina nos últimos anos.

Apresentação

O gênero literário de que trata este livro tem suas principais manifestações num período que vai da época Helenística até o Baixo Império romano: Teócrito estava ativo na primeira metade do século III AEC; Virgílio viveu de 70 a 19 AEC; Calpúrnio Sículo parece ter escrito sob o principado de Nero (reg. 54-68 EC); Nemesiano produziu sob o imperador Caro (reg. 282-283 EC). Procurando o máximo de abstração e reduzindo ao mínimo a consideração de detalhes, casos especiais e controvérsias teóricas, podemos começar com uma definição provisória de nosso objeto de estudo, definição que se refinará na sequência deste livro: a poesia bucólica antiga é uma modalidade de texto relativamente curto, escrito em hexâmetros datílicos¹ e num estilo que mistura o coloquial ao rebuscado, com frequente presença do diálogo, concretizada sobretudo nos *Idílios* de Teócrito e nas *Bucólicas* de Virgílio e que apresenta como cenário o campo e como personagens pastores que, ao mesmo tempo, são cantores, estando ocupados com suas relações com o cenário da natureza que os envolve,² experiências amorosas³ e *performances* e competições poéticas.

Importante enfatizar aqui a ideia de “cantor”. A poesia bucólica é concebida explicitamente, em seus textos principais,

como uma poesia cantada, como dá a entender a frequência do uso de verbos como o grego *aeíðō* e o latim *cano* para indicar o que fazem tanto as personas poéticas quanto as personagens. Ainda que não haja indícios de que esses poemas fossem escritos para efetivamente ser cantados com acompanhamento musical (discutiremos o tema da *performance* mais adiante), tendo em vista que a poesia hexamétrica era em geral recitada, não apresentada como canção propriamente dita, é importante ter em mente que uma “ficção de oralidade”⁴ e a sugestão de um caráter musical (inclusive em virtude do delicado trabalho sonoro com as palavras) fazem parte da imagem que esses poemas querem passar.⁵ Requer lugar de destaque o fato de os pastores que são personagens dos poemas serem, eles próprios, também poetas. Conforme afirma Ernst A. Schmidt, para quem a poesia bucólica é sobretudo reflexão poética, isto é, poesia sobre poesia, “a bucólica antiga é o único gênero literário que trata continuamente de poetas”,⁶ e, embora encontremos exemplos desse tema em outros gêneros, como quando Homero canta sobre Fêmio ou Demódoco, Homero não é um aedo na medida em que canta (e isso ocasionalmente) sobre aedos. Mas a poesia bucólica é poesia bucólica, em grande parte, porque fala de poetas bucólicos: um de seus objetos mais evidentes e constantes é a própria poesia bucólica.⁷ A temática do amor está frequentemente associada ao motivo do próprio discurso poético reproduzido e pensado na poesia bucólica, como nos *Idílios* 3, 6, 7 e 11, e isso também fica patente em Virgílio: é o amor por Galo que leva Virgílio a cantar a *Bucólica* 10, assim como é o amor que motiva o canto de Córídon na *Bucólica* 2 e os cantos das personagens de Dámon e Alfesibeu na *Buc.* 8. Mas de forma alguma isso é um tema obrigatório: o amor é antes *um dos temas* da poesia tal como é contemplada por

Virgílio nas *Bucólicas* (e por seus continuadores latinos) e como tal se subordina à poesia.⁸

Ao mesmo tempo, a poesia bucólica guarda em si tantos modos diferentes, provém a um só tempo de um tão grande feixe de influências múltiplas e deu a primeira centelha a tantas ramificações de uma gigantesca tradição posterior, que mergulhar na poesia bucólica é mergulhar numa impressionante variedade, ainda que esta seja em parte demarcada por *tópoi*, “lugares-comuns”. Algumas diferenças estilísticas com que nos deparamos ao longo dessa história são fenômenos representativos de mudanças mais amplas por que vai passando a arte literária da Grécia, da Roma Antiga e das culturas europeias no decorrer dos séculos. É como se pudéssemos contar um pouco da história da literatura antiga pela ótica das personagens *pastoris*, das vozes *pastoris* e modulações bucólicas. A experiência de perseguir um gênero como o bucólico, principalmente quando saímos da Antiguidade e nos deparamos cada vez mais com o “modo pastoral” (que se manifesta em diversos gêneros e artes distintas), é de um campo em que se corre um duplo risco: o excessivo rigor definitório pode nos levar a uma indesejada restrição da perspectiva, mas a aceitação de um conceito muito amplo de “pastoral” pode fazer com que se perca a clareza e o valor descritivo de nosso recorte. Este livro, todavia, pretende ser introdutório, um fator que nos obriga, ainda que a contragosto, a podar muitos ramos de nossa faia. Trataremos essa poesia em suas manifestações em latim na Antiguidade. Limitando-nos a um período e a uma língua, temos um *corpus* cuja complexidade pode ser ao menos administrada nas fronteiras de um único volume.

Entretanto, diante da importância do arcadismo na literatura luso-brasileira, movimento que muito se inspirou na bucólica

antiga, alguma cautela é necessária para que certas colocações da crítica que versa sobre esse fenômeno moderno não sejam entendidas como válidas, *a fortiori*, para Teócrito, Virgílio e seus seguidores imediatos. Por exemplo, Antonio Candido comenta que a literatura arcádica tem “uma visão algo superficial tanto da natureza exterior quanto humana”. Trata-se de “um esforço de paisagem da superfície da terra”, em que têm lugar, por exemplo, “flores e regatos”, mas não as trevas do antro, “do subterrâneo, da caverna”, nem a magia e os mistérios do mar ou do ar. O aspecto mais rude dessa “paisagem policiada” seria o penedo, como espaço que ecoa os lamentos do poeta enamorado ou figuração da amada cruel. Na sua abordagem da “vida interior”, segundo Candido, o arcadismo vê-se tolhido por um “senso de moderação” e uma psicologia da normalidade, “à qual se procura reduzir a do próprio primitivo, do homem em estado de natureza”.⁹ Não cabe nos limites deste livro dissertar sobre a aplicabilidade de tal descrição ao arcadismo, uma descrição talvez justa para aqueles entre os poetas modernos que se tenham pautado em excesso pela imitação das regras da tratadística do período e pela racionalidade estrita da Ilustração, mas seria temerário supor que a poesia bucólica antiga funcionava da mesma forma. Se por vezes é lida assim, isso se dá em grande parte em virtude do filtro da pastoral moderna e de sua crítica. O *Idílio* 1 de Teócrito e a *Bucólica* 8 de Virgílio, por exemplo, fogem em muito a esse estereótipo, desenvolvendo, em tessituras poéticas complexas e até desconcertantes, histórias trágicas; trazendo ao primeiro plano, ainda que momentaneamente, sensações de caos na natureza; apontando para o descomedimento e a loucura. As *Bucólicas* 1 e 9 refletem sobre a realidade aterrorizante da guerra civil; a *Bucólica* 6, por seu lado, amplia os horizontes

da bucólica para a natureza no sentido de cosmos, penetrando nos seus componentes físicos mais básicos, e exemplifica a condição humana com casos do mito em que dominam a paixão e a violência; as *Éclogas* 4 e 7 de Calpúrnio Sículo são marcadas por um retrato de amargura, rancor e pobreza da personagem Córídon; a *Écloga* 3 de Nemesiano expõe um êxtase dionisiaco cuja selvageria está longe de uma serenidade comportada. Assim, não se justifica a opinião de Alfredo Bosi, para quem o bucolismo, desde Teócrito e Virgílio até Sannazaro e Tasso, é “para todos” um “ameno artifício” que aos poetas permite uma “evasão”.¹⁰

A poesia bucólica, esse divertimento “inocente” e, talvez, numa primeira aproximação, superficial para a maior parte dos leitores contemporâneos, esconde na realidade muitos encantos e perigos. Reconhecidamente, a poesia bucólica é um dos *corpora* poéticos mais difíceis da literatura clássica, tanto em termos linguísticos quanto no que concerne à interpretação. O fato de tratar de personagens “humildes” e de um mundo “simples” (humildade e simplicidade que a própria poesia bucólica explicita em mais de um momento metapoético)¹¹ pode ser mesmo uma das razões para essa dificuldade, na medida em que direciona o leitor para uma atitude inicial de complacência, a qual, frequentemente espicaçada pelo caráter enigmático dos textos, transforma-se em perplexidade. O desafio deste livro é criar roteiros de viagem no interior do mundo bucólico e fazer ver que pode se tratar de uma visita surpreendente. De fato, um estudo mais aprofundado se faz necessário para se desarmar a leitura apressada que vê na poesia bucólica apenas um convencionalismo estético ultrapassado e/ou uma visão simplista da realidade. A ideia de escapismo por meio de uma idealização da natureza já é

confrontada nos cinco primeiros versos das *Bucólicas* de Virgílio, em que o repouso prazeroso e feliz de Títyro nos é apresentado pelo discurso de Melibeu, justamente daquele que está sendo privado de uma situação de tranquilidade e tematiza no mesmo fôlego essa privação: *nos [...] dulcia linquimus arua, / nos patriam fugimus*, “quanto a nós, [...] deixamos os doces campos, / nós estamos sendo exilados da pátria”.

R. D. Williams¹² é outro exemplo de uma visão pejorativa da poesia bucólica, como se manifesta neste comentário às *Bucólicas* de Virgílio: “[...] seu método é maneirista, em grande parte convencional e tradicional, frequentemente bem imitativo de Teócrito; [as *Bucólicas*] cantam a beleza, a tristeza e a morte, mas na minha visão elas em geral não exploram essas coisas”; o crítico acrescenta que Brooks Otis,¹³ ao identificar “implicações mais profundas” no sentido das *Bucólicas*, talvez tenha ido longe demais, “além do que os delgados ombros das *Éclogas* deveriam suportar”. Williams, de certo modo, compra ingenuamente a repetida afirmação das próprias *Bucólicas* de que são poemas humildes, pequenos, rústicos. É preciso desconfiar dessas astutas colocações autorais de Virgílio. Um julgamento mais justo está em Snell, para quem, nas *Bucólicas*, “[c]ada imagem adquire um significado metafórico” e “a literatura transforma-se num reino de símbolos”, os motivos gregos sendo moldados como formas artísticas de beleza autônoma, cuja realidade está nelas mesmas.¹⁴

Assim, procuraremos superar a enganosa pátina de discurso simplório que essa forma de literatura apresenta à primeira vista ou, conforme outra opinião comum, contornar o seu suposto “convencionalismo” (como se outras formas de poesia não operassem de acordo com convenções)¹⁵ ou a sua aparente “artificialidade”, que, mais ou menos como disse um estudioso